

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL**

**HISTÓRIA E MEMÓRIA: A PARTIR DO REGISTRO DE OBJETOS DA CULTURA  
MATERIAL DO HOMEM DO CAMPO NO DISTRITO DE LOVAT, UMUARAMA -  
PARANÁ**

**MATINHOS**

**2014**

**MARGARIDA CARDOZO LAVADO**

**HISTÓRIA E MEMÓRIA: A PARTIR DO REGISTRO DE OBJETOS DA CULTURA  
MATERIAL DO HOMEM DO CAMPO NO DISTRITO DE LOVAT, UMUARAMA -  
PARANÁ**

Trabalho apresentado como requisito parcial  
para obtenção da certificação do curso de  
Especialização em Educação do Campo, Setor  
Litoral da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Professora Fabiana Cristina  
Bonin.

**MATINHOS**

**2014**

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>4</b>
<b>2 HISTÓRIA, MEMÓRIA E CULTURA MATERIAL.....</b>	<b>6</b>
<b>3 TIPO DE PESQUISA, INSTRUMENTO E COLETA DE DADOS.....</b>	<b>8</b>
<b>4 HISTÓRICO E PESQUISA.....</b>	<b>9</b>
<b>5 ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>10</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>14</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>15</b>
<b>APÊNDICE A .....</b>	<b>17</b>

## HISTÓRIA E MEMÓRIA: A PARTIR DO REGISTRO DE OBJETOS DA CULTURA MATERIAL DO HOMEM DO CAMPO NO DISTRITO DE LOVAT, UMUARAMA – PARANÁ

Margarida Cardozo Lavado<sup>1</sup>

Fabiana Cristina Bonin<sup>2</sup>

Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral

**RESUMO:** Para que uma comunidade se reconheça dentro de um processo histórico, é importante que a mesma construa sua própria identidade. Essa construção só se faz possível mediante a preservação da história e da memória de um povo. Essa memória se dá a partir do cotidiano dos indivíduos, das suas relações sociais, de elementos, econômicos, políticos e culturais. O ato de recordar, porém se faz presente, sobretudo, a partir de elementos materiais da cultura, uma vez que, a partir deles é possível estabelecer conexões, como por exemplo, quando foram adquiridos, por quem e com que finalidade. Os objetos em si trazem uma temporalidade que muitas vezes lhes é específica, mas sua importância se dá, principalmente pelo fato de evidenciarem os sujeitos históricos que os utilizaram. Uma função secundária, que é simbólica, mediando as relações sociais. O presente trabalho tem como objetivo resgatar os vestígios da cultura material do homem do campo a partir da criação de um Museu Virtual no blog do Colégio Estadual Lovat, com imagens de objetos de uso cotidiano da população do campo e memórias relacionadas aos mesmos. Ao perceberem que os seus objetos de uso cotidiano contam uma história, o intuito é que a comunidade se sinta valorizada e responsável pela preservação de sua cultura.

**Palavras chave:** Memória; Identidade; Cultura material.

### 1 INTRODUÇÃO

De acordo com o senso comum, ainda é natural ver o historiador como a pessoa encarregada de registrar fatos e sistematizar a memória dos principais acontecimentos públicos. Hoje, porém, os historiadores percebem a dinâmica histórica enquanto processo, buscando a partir das relações passado/presente o repensar de memórias e ações dos mais diferentes grupos sociais que construíram momentos históricos.

A memória de um povo é importante e necessária para a construção de sua própria identidade. Essa memória se reflete a partir do cotidiano dos indivíduos, das

---

<sup>1</sup> Educanda do Curso de Especialização em Educação do Campo - EaD, Universidade Federal do Paraná - Polo UAB de Cruzeiro do Oeste - PR, magacardozo@hotmail.com

<sup>2</sup> Graduada em Ciências Biológicas; Esp. em Morfofisiologia do Organismo Humano, Esp. em Mídias Integradas a Educação, Esp. em Educação a Distância, Professora de Ciências da Rede Estadual de Ensino; Orientadora. fcbonin@gmail.com

suas relações sociais, de elementos econômicos, políticos e culturais. Entretanto, o ato de recordar se faz presente, sobretudo, a partir de elementos materiais da cultura, uma vez que, a partir deles é possível estabelecer conexões, como por exemplo, quando foram adquiridos, por quem e com que finalidade. Os objetos em si trazem uma temporalidade que muitas vezes lhes é específica, mas sua importância se dá, principalmente pelo fato de evidenciarem os sujeitos históricos que os utilizaram. Segundo Souza (2007), os artefatos exercem uma função utilitária, como primária e, uma função secundária, que é simbólica, mediando as relações sociais.

Buscando uma relação entre História, Memória e Cultura Material é necessário pensar como esses elementos se entrelaçam e como poderiam ser preservados e gerenciados com o auxílio da própria comunidade. A Educação Patrimonial pode ser vista como um processo interativo, do qual a comunidade deve fazer parte, pois para que o mesmo se efetive é necessária a apropriação consciente da própria cultura. Ao haver um envolvimento direto, a comunidade preserva seus bens, seu patrimônio e sua identidade.

Foi justamente em virtude da importância de valorizar as histórias de vida que, em uma sociedade capitalista, onde o tempo é algo escasso, a temática foi aos poucos sendo pensada e estruturada. O presente trabalho tem como objetivo resgatar os vestígios da cultura material do homem do campo a partir da criação de um Museu Virtual no blog do Colégio Estadual Lovat, com imagens de objetos de uso cotidiano da população do campo e memórias relacionadas aos mesmos.

Segundo Halbwachs (2006), a memória é, na maior parte das vezes coletiva, uma vez que ao lembrarmos de eventos, normalmente nos referimos a grupos dos quais fazíamos parte. Também é necessário ressaltar que a memória é selecionada e está em constante devir, pois fazemos escolhas, ou seja, selecionamos o que lembrar ou não. “Lembram muito o que não viveram diretamente. Um artigo de noticiário, por exemplo, às vezes se torna parte da vida de uma pessoa. Daí, pode-se descrever a memória como uma reconstrução do passado” (BURKE, 2000, p.70).

As escolhas feitas a partir do ato de recordar também demonstram que, ao selecionarmos nossas lembranças, o fazemos de acordo com o que acreditamos que seja importante para o grupo e para o momento histórico em que vivemos. Segundo Le Goff, “[...] cada época fabrica mentalmente a sua representação do passado histórico” (LE GOFF, 1992, p. 26).

Preservar a memória do homem do campo do Distrito de Lovat e torná-la acessível a partir da conscientização e da Educação Patrimonial num processo participativo é fazer com que a própria comunidade se perceba enquanto sujeito histórico.

## **2 HISTÓRIA, MEMÓRIA E CULTURA MATERIAL**

Durante séculos a História não foi considerada uma ciência, pois se acreditava que era inconcebível o homem ser ao mesmo tempo sujeito e objeto de estudo, além de não ser vista como necessária aos homens, uma vez que, segundo Saviani (1997), a própria natureza oferecia os elementos básicos de sobrevivência aos seres humanos, fazendo com que tivessem uma visão cíclica do tempo.

A partir do século XIX, em virtude das grandes transformações pelas quais passava a sociedade europeia, houve a necessidade de áreas de conhecimento específicas que se dispusessem a analisar o momento histórico. Desde então, ciências como a Sociologia, a Antropologia, a Geografia e a História, passaram a fazer parte de um referencial de pesquisas do período.

Dentro desse contexto surgiu a corrente do positivismo, pensada por Auguste Comte. A partir de então, a História foi incorporada às reflexões científicas, dando ênfase aos fatos, valorizando personagens de destaque e os documentos escritos, fontes consideradas “oficiais”.

Em 1929, França, foi fundada por Marc Bloch e Lucien Febvre, uma revista intitulada *Annales*, que tinha por objetivo questionar a função do historiador e ampliá-la frente a uma série de possibilidades. Foi a partir dela que teve início uma corrente de pensamento que passou a ser chamada de Escola dos *Annales*, inovando em relação ao método de estudo, valorizando não apenas a conjuntura, mas as estruturas, os fenômenos coletivos, a interface com outras áreas de conhecimento e novas fontes históricas.

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. [...] Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos se estes não existirem. Com tudo o que a engenhosidade do historiador pode lhe permitir usar para fabricar seu mel. [...] Paisagens, telhas. Formas de campos e ervas daninhas. Eclipses lunares e cabrestos [...] (FEBVRE *apud* TÉTART, 2000, p. 112)

Com a Escola dos Annales, indivíduos que eram até então desconsiderados e excluídos pela história tradicional e positivista, passaram a ser vistos como sujeitos históricos. Dentro desse contexto podemos incluir o homem do campo, cuja história está permeada de estigmas e preconceitos, pois durante o final do século XIX e início do século XX, esteve relacionada a folclore, ou seja, a um saber popular definido como credence, difundindo a ideia de que apenas a elite tinha um conhecimento científico que deveria ser valorizado e preservado. Segundo Canclini 1989 (*apud Canteacci 2001, p.31*),

a história do popular sempre foi relacionada com a história dos excluídos, que não têm patrimônio ou não conseguem que ele seja reconhecido ou conservado. Por conseguinte, na maioria dos estudos feitos sobre a cultura, o avanço é considerado como promovido única e exclusivamente pelos setores hegemônicos, já que no tradicional estão arraigados os setores populares.

Em virtude da tradição do homem do campo ser essencialmente oral, transmitida de geração em geração, muitos conhecimentos se perderam ou foram reconstruídos, selecionados ou escolhidos a partir das memórias dos membros de determinadas comunidades. A memória se constrói e se reconstrói, segundo Halbwachs (2006), ela é aberta, permitindo a “dialética da lembrança e do esquecimento”, de acordo com Nora (1993, p. 9), “uma maneira, de resistir ao tempo, valorizar a identidade, de ver o mundo”.

A Escola dos Annales trouxe para a História a possibilidade de poder utilizar uma riqueza de documentos enquanto fontes, que permitem preservar aspectos materiais e imateriais da cultura do homem do campo e da sua identidade. A oralidade é uma das formas mais antigas de se preservar a memória, foi através dela que os seres humanos produziram cultura e permitiram estabelecer uma rede de ensino e aprendizagem, transmitindo conhecimentos e valores aos seus descendentes.

A partir de narrativas individuais, é possível reconstituir determinados períodos históricos sob o olhar de uma pessoa, que entrelaça passado e presente, lembranças e esquecimentos. Embora a memória seja em parte individual, os sujeitos que dela fazem parte, estão inseridos em um contexto cultural e de época.

[...] Em outros termos, a memória compreende dois níveis concomitantemente: um individual e outro social. O caráter social e cultural da memória é consequência da interação entre indivíduo e meio social,

contudo, a apreensão das experiências concretas através do ato de *rememorar*, é exclusivamente pessoal. (ANTUNES, 2008, p.319-320)

Além das fontes orais, existem as fontes materiais da cultura, ou seja, os objetos produzidos e utilizados pelos seres humanos. A História estuda a cultura material não a partir do objeto em si, mas todo um contexto de utilização e apropriação por um determinado grupo, em uma época específica e de acordo com sua cultura.

A cultura material não é um reflexo passivo da sociedade que lhe deu origem, pelo contrário: ela, de certa forma, cria a sociedade por meio da ação dos indivíduos. Um artefato pode representar ideias, crenças, simbolizar pessoas e coisas, pode informar sobre a vida. (MORALES, 2008, p. 4)

Ao utilizar ou produzir um objeto, de acordo com Morales (2008) não é possível presumir que no futuro, o pesquisador ao estudá-lo, compreenda na sua integralidade o sentido e o contexto no qual foi feito, para isso, é importante um minucioso estudo do mesmo, levando em consideração o entorno físico e humano no qual foi produzido.

Todo o objeto, ao ser produzido, utilizado e descartado, ou não, revela intenções, imbuídas de valores e cultura. Feitos para atenderem às necessidades humanas, as coisas e os objetos não podem ser separados das realidades vividas, segundo Pesez (1993), pois muitas vezes superam a existência do próprio homem, sobrevivendo ao tempo e deixando o registro na sua materialidade de maneiras de viver e de ver o mundo.

### **3 TIPO DE PESQUISA, INSTRUMENTO E COLETA DE DADOS**

A pesquisa buscou a partir do entrelaçar da História, Memória e da Cultura Material, registrar mediante fotografias, os objetos utilizados pelos camponeses no seu cotidiano e disponibilizá-los em um espaço virtual no blog do Colégio Estadual Lovat. Esses objetos, enquanto fontes históricas demonstram a vida diária, hábitos e costumes do passado e do presente. Imbuídos de signos e significados, podem ser considerados mais do que meramente lembranças, documentos da história de uma determinada época.

Ao levar em conta as observações anteriores, bem como os objetivos da pesquisa, foi escolhida a entrevista enquanto metodologia. O estudo se desenvolveu

segundo uma pesquisa qualitativa, buscando a compreensão de fenômenos amplos e complexos de natureza subjetiva a partir da sistematização de objetos de cultura material e dos relatos de memórias a eles relacionadas.

Relacionados à história de vida existem dois tipos de entrevista, segundo Minayo (1993), a entrevista completa e a tópica. Enquanto a primeira diz respeito a todas as experiências vividas por um indivíduo, a segunda relata uma etapa em específico vivida por ele.

Sendo o objetivo geral deste trabalho criar um museu virtual a partir das imagens de objetos de uso cotidiano da população local e memórias relacionadas aos mesmos, a entrevista sobre história de vida tópica foi a escolhida, pois é a partir dos objetos que as pessoas relatarão suas histórias e experiências. Em virtude da natureza da pesquisa, segundo Bourdieu (1999), é mais viável e produtivo deixar o entrevistado “livre” para que suas memórias venham à tona, trazendo junto a elas, fatos que estão correlacionados.

Memória possui contextualidade e é possível ser atualizada historicamente. Ela possui maior consistência do que lembrança, uma vez que é uma representação produzida pela e através da experiência. Constitui-se de um saber, formando tradições, caminhos – como canais de comunicação entre dimensões temporais –, ao invés de rastros e restos como no caso da lembrança. (DIEHL, 2002, p. 116)

Para realizar a pesquisa, foram selecionados alguns dos moradores mais antigos do distrito de Lovat, com o objetivo de retomar a história local a partir dos seus depoimentos e dos seus acervos pessoais de cultura material. Para tanto, em virtude de se tratarem, na maioria, de pessoas idosas, a entrevista transcorreu de maneira mais informal e subjetiva.

As entrevistas e as fotografias constituíram o primeiro momento da pesquisa. O segundo momento se deu com a transcrição dos textos e a digitalização das imagens dos objetos para depois serem incluídos no museu virtual.

#### **4 HISTÓRICO E PESQUISA**

A pesquisa foi realizada em um Distrito do Município de Umuarama (noroeste do Paraná), denominado Lovat. Localizado a aproximadamente 10 km do município,

é para lá que a maioria de seus habitantes se dirige para trabalhar, buscar serviços de saúde, bancos, comércio e ensino superior.

A partir de uma pesquisa informal realizada pela Escola Municipal Papa Pio III constatou-se que a maioria dos alunos provém de famílias do campo, porém estas complementam sua renda com um ou mais integrantes trabalhando de maneira formal nas cidades de Umuarama ou de Cruzeiro do Oeste, localizado a 15 km do distrito.

As novas gerações têm buscado nas cidades vizinhas perspectivas de emprego e uma vida diferente da dos seus pais e avós. Muitos dos alunos da Escola Municipal Papa Pio III e do Colégio Estadual Lovat possuem família na localidade, porém é justamente o desejo de sair do distrito e o imediatismo de acesso a informações via internet, televisão, celular e redes sociais, que faz com que não se tenha tempo disponível para os mais velhos.

Enquanto professora do Colégio Estadual Lovat, ao ter contato com os educandos e perceber neles o desinteresse em ouvir os mais velhos, foi realizado um passeio de estudos com os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental a duas casas vizinhas do Colégio no ano de 2012. Nessa visita, foram entrevistadas duas senhoras, avós de dois dos alunos da turma. Foi em virtude da necessidade de um contato maior com diferentes gerações e com suas memórias e legados materiais, que esta pesquisa foi pensada e teve início.

## 5 ANÁLISE DOS DADOS

As fichas continham perguntas simples para que fossem feitas de maneira clara aos entrevistados (ver anexo A). Além da identificação dos mesmos, nome, idade, endereço, também continham: o tempo em que moram no Distrito, o motivo pelo qual haviam mudado para lá, o que mudou desde então, as lembranças mais importantes e se guarda ou não algum objeto dessa época.

**Tabela 1: Idade dos entrevistados**

Idade	Número de entrevistados
40 a 50 anos	2

50 a 60 anos	3
60 a 70 anos	1
70 a 80 anos	6

Das doze pessoas entrevistadas, duas nasceram em Lovat, duas vieram ainda crianças e, a maioria, ou seja, oito dos entrevistados migraram em virtude do trabalho, sendo que seis deles afirmam terem vindo para trabalhar em propriedades rurais.

**Tabela 2: Tempo de morada no Distrito de Lovat**

Período	Número de entrevistados
10 a 20 anos	3
20 a 30 anos	1
30 a 40 anos	2
40 a 50 anos	3
50 a 60 anos	3

Três dos entrevistados falam do café, produto que, até a década de 1970 e 1980 era muito importante para a economia da região noroeste do Paraná. Nove lembram também que Lovat tinha grande parte dos seus habitantes na área rural ao redor do Distrito, onde boa parte das pessoas morava ou trabalhava, pois segundo os relatos, foi em busca de emprego que, a maioria migrou para a região.

**Tabela 3: Motivos da migração para o Distrito de Lovat**

Motivos da migração	Número de entrevistados
Trabalho	8
Moradia	2
Nasceram no Distrito de Lovat	2

Nos nove relatos mais antigos, as pessoas informam que havia muito mato em volta, o asfalto não existia e as casas eram todas de madeira, fazem parte da memória coletiva alguns pontos de referência que não existem mais, como a Igreja de madeira, o hotel que também era feito do mesmo material, a “antiga” rodoviária, a

farmácia, três máquinas de café, a olaria e a padaria. Para Halbwachs (2006), a memória está atrelada a escolhas enquanto construções de grupos sociais, fenômenos de seleção conscientes e inconscientes, portanto, esses momentos refletem a memória coletiva a partir de um relato individual.

Algumas pessoas entrevistadas vieram para Lovat na mesma época e dentro de um mesmo contexto, por isso, segundo Antunes (2008), embora as memórias sejam resultado de experiências pessoais, os relatos a respeito de um mesmo fato são por vezes diferentes, enfatizando determinados detalhes esquecidos por certos personagens e lembrados por outros. “Memória possui contextualidade e é possível ser atualizada historicamente. Ela possui maior consistência do que lembrança, uma vez que é uma representação produzida pela e através da experiência” (DIEHL, 2002, p. 116).

Ao se referirem a permanências e mudanças, percebe-se que, principalmente as mudanças são sentidas a partir das alterações do modo de vida e da presença da tecnologia, pois aparece em sete relatos a ausência de luz elétrica, do asfalto, do posto de saúde e das casas de alvenaria. Dos objetos guardados, boa parte está ligado ao homem do campo, pois são objetos de trabalho, como ferramentas e objetos do usos cotidiano, como lamparina e lampião, máquina de costura, tachos, ferro a brasa, escovão, entre outros.

Percebe-se que, ao retomarem as experiências do passado, seu modo de vida, relembando locais de referência e o uso de objetos da cultura material, os indivíduos o fazem a partir das experiências vividas no presente comparando com o que têm à sua disposição hoje. Por isso, “as memórias são maleáveis, e é necessário compreender como são concretizadas, e por quem, assim como os limites dessa maleabilidade” (BURKE, 2000, p.73).

**Tabela 4: Objetos de memória**

Objetos de memória	Número de itens
Bule	1
Carroça	1
Cartão de Natal	1
Escovão	1
Ferramentas	3

Ferro a brasa	2
Forno a lenha	1
Lamparina	2
Lampião	1
Máquina de Costura	1
Moinho	2
Pilão	1
Quadro dos Santos	1
Tacho	1
Traçado	1

A lembrança do contexto de uso desses objetos é relatada nas entrevistas de modo saudosista em que as pessoas, ao serem questionadas relembram a vida “difícil”, mas onde havia fartura no campo, as crianças brincavam “soltas”, as famílias conviviam mais, havia tranquilidade e, no final da tarde, depois de um dia de “serviço na roça”, todos se juntavam para cantar e contar “causos”.

As memórias coletivas e individuais se entrelaçam e coexistem à medida que comparamos os relatos. Segundo Halbwachs (2006), as lembranças, mesmo as aparentemente pessoais são tecidas em um contexto mais amplo, pois interagem com grupos e com a sociedade em que estão inseridas, fazendo parte de um quadro de referências, de um passado compartilhado. Os relatos apresentados denotam justamente a presença de vários elementos que fazem parte do imaginário comum, como a presença de determinadas estruturas materiais (igreja, farmácia, rodoviária, máquina de café, hotel, olaria e padaria), mas também relembram de modo saudoso de um tempo em que, para a comunidade, as pessoas viviam de maneira mais tranquila.

A existência e uso dos objetos relacionados anteriormente faz com que seja possível, a partir dos mesmos evidenciar o trabalho do homem do campo como temática, uma vez que foram produzidos e utilizados dentro do contexto das atividades da lida diária da agricultura ou do cotidiano das famílias do campo. Enquanto fontes históricas, esses artefatos demonstram hábitos e costumes do passado e do presente. Permeados de lembranças, são documentos da história de

uma determinada época, denotando a partir de seus signos e significados, de acordo com Souza (2007), evidenciam os sujeitos históricos que os utilizaram.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Falar de cultura material no Brasil, ainda é algo difícil, pois no imaginário das pessoas, não existe vinculação entre os objetos e os sujeitos que os utilizaram. Não há como falar do homem do campo sem se referir à sua materialidade, às ferramentas de que necessita para trabalhar, aos objetos utilizados por ele em seu cotidiano para desempenhar as tarefas mais simples, como comer, tomar café, fazer a limpeza de sua casa, entre outros.

Ao longo do tempo, muitos desses utensílios adquiriram um novo status, o de lembrança, quando não são mais usados, como, por exemplo, o ferro a brasa, referência, quando são sentimentais, como as lamparinas, outros são utilizados ainda hoje e ganham lugar de destaque mesmo diante das novas tecnologias, como é o caso do escovão manual, da carroça e da caixa de ferramentas.

Ao fazermos um recorte e tratarmos do homem do campo em relação à sua cultura material, é possível perceber mais do que fontes históricas, uma relação de pertencimento e de identidade, que se traduz na materialidade. Os artefatos dos quais as pessoas entrevistadas se lembram são, na verdade, objetos que fizeram parte de um determinado contexto, o contexto do homem do campo que, em décadas passadas não tinha acesso à tecnologia que tem atualmente.

É importante que as entrevistas e os objetos relacionados às memórias dos indivíduos do Distrito de Lovat sejam geridos através do blog do Colégio Estadual Lovat, pela própria comunidade, permitindo que a mesma tenha acesso e participe efetivamente da construção da identidade de sua própria localidade. O objetivo é que a partir de um processo de educação todos se sintam sujeitos históricos e responsáveis pela sua história de seu povo.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, H. **O estudo da memória através de uma abordagem interpretativa.** Revista de Iniciação Científica da FFC, Vol. 8, Nº 3, 2008.
- BOURDIEU, P. **A miséria do mundo.** Tradução de Mateus S. Soares. 3a edição. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BURKE, P. História como memória social. In: **Variedades de história cultural.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. P. 67-89.
- CANTENACCI, V. **CULTURA POPULAR: entre a tradição e a transformação.** São Paulo Perspec. vol.15 no. 2 São Paulo Apr./June 2001. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392001000200005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000200005). Acesso em: 15 de jan. de 2014.
- DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica: memória, identidade e representação.** Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- HALBWACHS, M. **Memória coletiva.** Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **Memória e História.** 2ª. ed., Campinas: Ed. da Unicamp, 1992, p. 535-549.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde.** 2a edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.
- MORALES, Martha. **Cultura material e discursos de identidade: contribuições teórico-metodológicas da Arqueologia para o estudo histórico da Fábrica de Louças Colombo.** disponível em: [https://www.academia.edu/259758/Cultura\\_material\\_e\\_discursos\\_de\\_identidade\\_contribuicoes\\_teorico-metodologicas\\_da\\_Arqueologia\\_para\\_o\\_estudo\\_historico\\_da\\_Fabrica\\_de\\_Loucas\\_Colombo](https://www.academia.edu/259758/Cultura_material_e_discursos_de_identidade_contribuicoes_teorico-metodologicas_da_Arqueologia_para_o_estudo_historico_da_Fabrica_de_Loucas_Colombo). Acesso em: 16 de março de 2014
- NORA, Pierre. **Entre história e memória: a problemática dos lugares.** Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).
- PESEZ, Jean-Marie. História da cultura material. In: LE GOFF, Jacques. **A História Nova.** São Paulo: Martins Fontes, 1993, p.177-213, 186.
- SAVIANI, D. **O debate teórico e metodológico no campo da História e sua importância para a pesquisa educacional.** Campinas, 1997. Disponível em: [www.histedbr.fae.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/seminario). Acesso em 15 de jan. de 2014.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007, p. 163-189.

TÉTART, Philippe. **Pequena História dos Historiadores**. São Paulo: Edusc, 2000.

**APÊNDICE A: ROTEIRO DA ENTREVISTA REALIZADA COM OS MORADORES  
DO DISTRITO DE LOVAT**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

1) DADOS DO ENTREVISTADO:

Nome completo:

Data de nascimento:

Endereço residencial completo:

2) ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA

2.1) Há quanto tempo reside em Lovat?

2.2) Por que veio para Lovat?

2.3) Como era o distrito quando veio para cá? O que mudou?

2.4) Ainda guarda algum objeto daquela época? O quê?

2.5) Tem alguma lembrança especial?

3) DADOS DA ENTREVISTA:

Tipo: História de vida

Entrevistador: Margarida Cardozo Lavado

Data: